Alfabetização e letramento na educação especial: Um estudo de caso no atendimento educacional especializado com uma criança com transtorno do espectro autista

Literacy and literacies in special education:
A case study on specialized educational support for a child with autism spectrum disorder

DOI: https://doi.org/10.21747/30517036/seb3a17

Aline Carol Stock
Graduada em Pedagogia pelo IFC – *Campus* Rio do Sul
aline.cl.stock@gmail.com
http://lattes.cnpq.br/7288445742857430

Camila Will
Graduada em Pedagogia pelo IFC – *Campus* Rio do Sul
camilawill2014@gmail.com
http://lattes.cnpq.br/4408384979217611

Nakita Ani Guckert Marquez
Doutora em Educação pela UDESC, Professora do IFC – *Campus* Rio do Sul
nakita.marquez@ifc.edu.br
http://lattes.cnpq.br/0074379204461210

Recebido: 24/02/2026
Aceite: 07/06/2026

RESUMO: Este estudo investigou o processo de alfabetização e letramento de uma criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no contexto do Atendimento Educacional Especializado (AEE), por meio de um estudo de caso conduzido na rede municipal de Rio do Sul. A pesquisa combinou revisão bibliográfica e coleta de dados em campo, com aplicação de questionário misto e entrevista semiestruturada com a professora do AEE, além de observação direta de atendimentos pedagógicos, visando compreender a interação da professora com um aluno com autismo e as estratégias mobilizadas no cotidiano do atendimento. Os resultados apontam que a aplicação de abordagens multissensoriais em conjunto com o método fônico promove avanços no processo de ensino e aprendizagem, promovendo avanços como reconhecimento de letras e maior engajamento do aluno. Persistiram, contudo, desafios relacionados à

generalização da leitura para novos contextos e ao manejo de estruturas linguísticas mais complexas, somados a dificuldades de articulação entre escola e família e a limitações de tempo e de recursos para o atendimento. Conclui-se que o processo de ensino-aprendizagem no AEE demanda planejamento individualizado, adaptação das práticas às necessidades sensoriais e cognitivas do estudante, integração entre os profissionais envolvidos e formação continuada docente, como condições centrais para a efetivação de um processo inclusivo.

PALAVRAS-CHAVE: transtorno do espectro autista; alfabetização; letramento; atendimento educacional especializado; educação inclusiva.

ABSTRACT: This study investigated the literacy and early reading development process of a child with Autism Spectrum Disorder (ASD) in the context of Specialized Educational Support Services (AEE), through a case study conducted in the municipal school network of Rio do Sul. The research combined a literature review and field data collection, including the administration of a mixed questionnaire and a semi-structured interview with the AEE teacher, as well as direct observation of instructional sessions, in order to understand the teacher's interaction with an autistic student and the strategies employed in day-to-day support. The results indicate that the use of multisensory strategies and the phonics method supports learning, promoting advances such as letter recognition and greater student engagement. However, challenges persisted regarding the generalization of reading to new contexts and the handling of more complex linguistic structures, along with difficulties in coordination between school and family and limitations in time and resources available for support. It is concluded that teaching and learning in AEE require individualized planning, adaptation of practices to the student's sensory and cognitive needs, integration among the professionals involved, and ongoing teacher training, as central conditions for the implementation of an inclusive process.

KEYWORDS: Autism Spectrum Disorder; literacy and Reading Development; Specialized Educational Support Services (AEE); Inclusive Education.

Introdução

A alfabetização e o letramento, além de constituírem dimensões centrais da escolarização, ganham contornos ainda mais exigentes quando se trata de estudantes compatível com Transtorno do Espectro Autista (TEA), dadas as singularidades de comunicação, atenção, flexibilidade cognitiva e processamento sensorial que podem impactar a aprendizagem dos mesmos. No Brasil, o acesso

a práticas pedagógicas que promovam a leitura e a escrita em contexto inclusivo é parte do compromisso educacional assegurado pela legislação e pelas políticas públicas, o que torna o debate sobre estratégias efetivas uma necessidade concreta do cotidiano escolar.

Nesse cenário, o Atendimento Educacional Especializado (AEE) ocupa um lugar estratégico porque permite organizar intervenções planejadas, intencionais e ajustadas ao perfil do estudante, articuladas com a escolarização na sala comum. Ainda assim, a efetividade desse atendimento não depende apenas do repertório metodológico, mas também de condições institucionais e de uma rede de cooperação, especialmente na comunicação entre escola e família e na articulação entre os profissionais envolvidos.

Este artigo apresenta recorte de um estudo de caso realizado em uma escola de educação básica da rede municipal de Rio do Sul, centrado no acompanhamento do processo de alfabetização e letramento de uma criança com TEA no AEE, com foco na interação professora-aluno e nas estratégias mobilizadas no cotidiano do atendimento. A investigação adotou abordagem qualitativa, com finalidade exploratória e delineamento descritivo e explicativo. A coleta de dados ocorreu em uma instituição de ensino, por meio de entrevista semiestruturada e questionário com questões abertas e fechadas aplicados à professora responsável pelo Atendimento Educacional Especializado (AEE), além de observação direta das práticas pedagógicas e das interações estabelecidas no contexto escolar. Essa combinação de procedimentos possibilitou a análise das concepções e estratégias adotadas no atendimento aos estudantes, relacionando os dados empíricos aos referenciais teóricos estudados.

Ao discutir os achados deste caso, o texto busca contribuir para o refinamento de práticas inclusivas no AEE, destacando, de um lado, estratégias que favorecem avanços na aprendizagem e, de outro, desafios que permanecem no percurso, especialmente quando se exige generalização das habilidades para novos contextos e quando a rede de articulação entre escola, família e profissionais ocorre de forma pouco sistemática e com comunicação insuficiente entre os envolvidos.

Alfabetização e Letramento na Educação Especial

Alfabetização e letramento são conceitos distintos, mas indissociáveis no cotidiano escolar. A alfabetização refere-se à apropriação do sistema de escrita alfabética, ou seja, saber ler, escrever, decodificar letras, sílabas e palavras bem como regras gerais da escrita, como posição inicial da escrita na folha - de cima para baixo, da esquerda para direita - e a organização do texto na página (Soares, 2020). O letramento, por sua vez, diz respeito ao uso social da leitura e da escrita

em diferentes contextos, de modo a permitir a participação ativa do sujeito em práticas sociais mediadas pela língua escrita (Soares, 2020).

No campo da Educação Especial, essa compreensão amplia a exigência pedagógica, pois alfabetizar e letrar implica garantir acesso, participação e aprendizagem por meio de práticas planejadas, centradas no estudante e ajustadas às suas necessidades. Quando o foco recai sobre alunos com TEA, a diversidade de perfis torna inadequada qualquer proposta única e padronizada. Há estudantes que enfrentam barreiras importantes relacionadas à comunicação, à compreensão simbólica e à coordenação motora fina, enquanto outros evidenciam interesses específicos por letras, capacidade de memorização ou leitura mecânica inicial. Diante dessa diversidade, destaca-se a importância de que o ensino seja acessível, utilizando metodologias flexíveis, recursos visuais, estratégias multissensoriais e o apoio de tecnologias assistivas[89] sempre respeitando o ritmo e o estilo de aprendizagem de cada aluno.

Nesse contexto, algumas escolhas pedagógicas ganham relevância por sua coerência com as necessidades frequentemente observadas. O desenvolvimento da consciência fonológica constitui uma base para avançar na leitura e na escrita, pois favorece a percepção e a manipulação de unidades sonoras da língua, apoiando a aprendizagem das correspondências entre sons e letras. Da mesma forma, o uso de materiais concretos e de recursos visuais contribui para tornar as tarefas mais previsíveis e acessíveis, reduzindo barreiras na atenção e compreensão e sustentando o engajamento do estudante nas atividades. Assim, a articulação entre alfabetização e letramento, quando mediada por estratégias adaptadas e por um planejamento individualizado, pode fortalecer a construção de aprendizagens mais funcionais e significativas para alunos com TEA.

O TEA e o processo de aprendizagem: estratégias e práticas

O TEA é caracterizado por alterações na comunicação e interação social, bem como por padrões de comportamento repetitivos. Essas características podem impactar diretamente o processo de alfabetização e letramento, tornando necessário o uso de abordagens pedagógicas específicas (Pedrosa et al., 2018).

Além disso, crianças com TEA podem apresentar interesses restritos, dificuldades na generalização da aprendizagem e necessidade de rotinas estruturadas. Nesse sentido, o uso de estratégias multissensoriais, atividades lúdicas e metodologias, como o método fônico, contribui para o avanço no

[89] Produtos, equipamentos, dispositivos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que tenham como objetivo promover a funcionalidade, relacionada à atividade e à participação da pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida, visando à sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social (Brasil, 2015).

reconhecimento de letras, sons e palavras, promovendo maior engajamento no processo educativo. (Cunha, 2015)

Alfabetizar uma criança com TEA pode ser um desafio, mas é um processo possível quando realizado com conscienciosidade e estratégias adequadas. Dentre as estratégias mais adequadas estão aquelas fundamentadas na ciência ABA (Análise do Comportamento Aplicada). Nesse conjunto, práticas como retomar atividades em momentos posteriores para verificar a manutenção das habilidades e empregar reforçadores positivos, por exemplo, carimbos, adesivos e sinais visuais de aprovação, podem favorecer o engajamento e sustentar a participação do estudante nas tarefas.

A ciência ABA é uma referência nesta utilização, principalmente com crianças com autismo e deficiências intelectual e cognitiva, visto que torna o processo mais motivador. De acordo com os princípios da ABA, o reforço positivo é um dos métodos utilizados para promover o aprendizado de habilidades e associar estímulos que já possuem função reforçadora para a criança - geralmente de caráter sensorial - a estímulos sociais, de forma que estes passem a adquirir valor reforçador (Oliveira & Silva, 2023).

Cunha (2019) observa que, mesmo quando o estudante não atingiu integralmente os objetivos educacionais previstos, o processo educativo tende a produzir avanços relevantes em dimensões essenciais, como interação social, comunicação, desenvolvimento cognitivo e habilidades motoras. A trajetória de aprendizagem é marcada por progressos e dificuldades, e os equívocos podem ocorrer com maior frequência do que as conquistas em determinados momentos. Ainda assim, as intervenções pedagógicas mantêm valor formativo e cumulativo, pois cada experiência contribui para a construção de repertórios e para o fortalecimento da participação do aluno. Nesse contexto, o vínculo afetivo exerce papel fundamental, atuando como fator de mediação para o enfrentamento de dificuldades e para a sustentação do envolvimento do estudante nas atividades de aprendizagem.

No que diz respeito às práticas e estratégias pedagógicas, é possível adotar uma variedade de abordagens, levando em conta o contexto e os interesses da criança com TEA. Entre essas estratégias, destacam-se o uso de jogos didáticos, como a “forca” e “palavras cruzadas”, além de recursos lúdicos como músicas, parlendas e poemas da cultura popular, como as quadrilhas. Menezes (2021) identifica

> algumas estratégias que propiciam a aprendizagem e alfabetização de crianças autistas. Dentro delas estão: o uso de imagens e materiais concretos, estimulação da consciência fonológica, uso de narrativas curtas e objetivas, intervenções trabalhando com o nome, rotina e antecipação

> dos fatos através de imagens, nomeação dos objetos do ambiente alfabetizador, contação de histórias, atividades lúdicas, uso de tecnologias e adaptação de atividades a partir do gosto da criança (p. 29).

Compreende-se que a qualidade do ensino no processo de alfabetização não depende apenas da aplicação de técnicas adequadas, mas também do envolvimento e da participação ativa da família, da escola e do professor. Soares (2016) assinala que nenhum método opera de forma isolada ou imune a condicionantes. Por se constituírem em procedimentos que organizam a interação entre docente e estudantes, os métodos se concretizam nas relações estabelecidas entre sujeitos com características distintas, em uma situação de aprendizagem coletiva. Sua efetividade, portanto, depende das condições reais em que o ensino ocorre, incluindo o contexto escolar e as determinações socioeconômicas e culturais da comunidade em que a escola está inserida.

O papel do docente é essencial, pois lhe compete planejar e implementar estratégias pedagógicas que reconheçam o estudante como eixo do processo de aprendizagem, com mediações pautadas na paciência e na flexibilidade. Essa atuação deve assegurar a indissociabilidade entre alfabetização e letramento e, simultaneamente, articular-se ao trabalho dos demais profissionais que acompanham a criança, como psicólogos, neurologistas, e psicopedagogos, de modo a promover intervenções coerentes, contínuas e ajustadas às suas necessidades.

O papel do Atendimento Educacional Especializado

O Atendimento Educacional Especializado (AEE) é oferecido em salas de recursos multifuncionais ou centros especializados, conforme a Resolução nº 4/2009. Ele tem como objetivo complementar ou suplementar a formação de alunos em todos os níveis, etapas e modalidades de ensino (Brasil, 2009). Sua função consiste na disponibilização de serviços, recursos de acessibilidade e estratégias voltadas a eliminar barreiras na participação e no desenvolvimento da aprendizagem, favorecendo a inclusão escolar. O atendimento é organizado, em regra, no contraturno do ensino regular e pode ocorrer na escola de matrícula, em outra unidade escolar ou em centro especializado conveniado. O público-alvo inclui alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades, com referência expressa de inclusão do TEA nesse conjunto (Brasil, 2009).

A formação do profissional do AEE é tratada como requisito estruturante para a qualidade do serviço. Além da exigência de formação inicial para docência, é indicado como parâmetro de formação específica preferencial para

educação especial inclusiva, com menção à atualização normativa que eleva a exigência de capacitação mínima. O papel do AEE é aprofundado ao explicitar que não se trata apenas de um espaço separado, mas de um serviço que deve operar por articulação com o ensino comum, como suporte pedagógico e organizador de recursos para reduzir barreiras (Brasil, 2009).

Nesse sentido, as atribuições profissionais abrangem identificar e organizar recursos e estratégias conforme necessidades específicas, elaborar e executar planos de atendimento, definir tipo e número de atendimentos, acompanhar funcionalidade dos recursos também na sala comum e em outros ambientes escolares, orientar professores e famílias, ensinar o uso de tecnologia assistiva para ampliar autonomia e participação e, manter articulação contínua com docentes da sala regular para sustentar a participação do estudante nas atividades escolares.

O estudo de caso

A metodologia desta pesquisa foi definida visando a resposta da questão central, a partir dos resultados obtidos na coleta de dados, que consiste em investigar o processo de alfabetização e letramento de uma criança com autismo no contexto do AEE, analisando como ocorre esse processo, as metodologias de ensino aplicadas, os obstáculos enfrentados e os ajustes necessários à prática pedagógica. Para realização da pesquisa, optou-se por uma abordagem qualitativa de natureza exploratória e descritiva ancorada no estudo de caso, estratégia metodológica que possibilita uma observação densa e longitudinal de fenômenos complexos (Gil, 2002). Para o desenvolvimento de pesquisas científicas, utilizou-se diversas modalidades de investigação, dentre as quais a pesquisa bibliográfica se destaca.

A análise dos dados empíricos foi conduzida por análise de conteúdo, com foco nas especificidades do estudante, nos desafios do processo, no papel docente e na contributo do AEE para a alfabetização e o letramento. Os procedimentos de coleta combinaram questionário misto, entrevista semiestruturada e observação direta, o que permitiu cruzar o que a professora relata sobre seu planejamento com o que se observou em situação de ensino.

Questionário aplicado à professora do AEE

A coleta de dados iniciou-se com a aplicação de um questionário à professora do AEE, com a finalidade de caracterizar seu perfil profissional e compreender sua trajetória formativa e sua atuação no contexto escolar, com ênfase no AEE. O instrumento foi composto por 13 questões. As três primeiras

buscaram delinear aspectos do perfil e da formação da docente. As três questões seguintes abordaram sua prática profissional no AEE e a organização do atendimento. As questões 7, 8 e 9 focalizaram as estratégias e práticas pedagógicas mobilizadas nas aulas, especialmente no acompanhamento do estudante participante do estudo. Por fim, as últimas questões investigaram os principais desafios enfrentados pela professora e elementos relacionados às condições concretas de funcionamento do AEE.

Os resultados indicaram que a professora participante possui formação inicial em Educação Especial, além de especializações e cursos voltados às necessidades educacionais especiais, incluindo o Transtorno do Espectro Autista (TEA), atendendo às recomendações legais para atuação no Atendimento Educacional Especializado (AEE): "O professor que atua no AEE deverá possuir formação inicial que o habilite ao exercício da docência e, preferencialmente, formação específica para a educação especial inclusiva com carga horária de, no mínimo, oitenta horas" (Brasil, 2025, p. 1). Sua experiência de nove anos no AEE evidencia consolidação de conhecimentos teóricos e práticos para o atendimento desse público.

Quanto à organização do trabalho pedagógico, constatou-se planejamento individualizado, considerando as habilidades e necessidades de cada aluno, em consonância com as Diretrizes Operacionais para o AEE (Brasil, 2009). As práticas pedagógicas incluem estratégias diversificadas, como recursos visuais, tecnologias assistivas, comunicação alternativa, metodologias lúdicas, estímulos multissensoriais e reforço positivo, com evidências de uso de princípios da ABA, como por exemplo uso de reforçadores positivos, como carinhas felizes, carimbos e adesivos para incentivar e motivar a participação nas atividades. Esses achados corroboram estudos que defendem intervenções diversificadas e baseadas em evidências para o processo de alfabetização de alunos com TEA (Uzêda, 2019).

Os principais desafios relatados referem-se à comunicação, atenção, interesses restritos, dificuldades sensoriais e sociais, resistência a mudanças e ansiedade. A comunicação foi apontada como fator crítico no processo de alfabetização e letramento, em consonância com Menezes (2021), que destaca a linguagem e a interação social como variáveis determinantes para a aprendizagem significativa em alunos com TEA.

A professora também destacou a necessidade de ampliação de recursos tecnológicos e estruturais, incluindo realidade aumentada, inteligência artificial, ambientes multissensoriais e suporte multidisciplinar, reforçando o potencial das tecnologias emergentes na educação inclusiva (Filho, 2024). Ademais, ressaltou a importância da formação continuada, do currículo flexível, do Plano Educacional

Individualizado (PEI) e da articulação intersetorial entre educação e saúde, conforme previsto no Plano Nacional de Educação (Brasil, 2014).

Nas questões do instrumento, buscou-se identificar as práticas pedagógicas mobilizadas pela professora em suas aulas, com ênfase nas estratégias utilizadas no acompanhamento do estudante participante do estudo. Observou-se a adoção de diferentes recursos e procedimentos, selecionados conforme as demandas do aluno e as características das atividades propostas, conforme síntese apresentada na tabela 1.

Tabela 1

Estratégias pedagógicas, recursos e tecnologias utilizadas pela professora do AEE

Estratégias pedagógicas com o aluno com TEA	**Uso de tecnologias assistivas e outros recursos**	**Técnicas para captar a atenção do aluno**
Metodologias lúdicas	Softwares de leitura e escrita assistida	Ambiente estruturado e previsível
Consciência fonológica	Tablets e aplicativos educacionais	Uso de estímulos visuais
Textos significativos	Recursos de comunicação alternativa e aumentativa (CAA)	Aula com atividades curtas e objetivas
Abordagem multissensorial	Audiobooks e livros digitais	Reforço positivo imediato
Leitura interativa	Ferramentas de reconhecimento de fala	Interesses específicos como motivação
Produção de textos	Recursos táteis e visuais	Estimulação sensorial controlada
Jogos	Jogos de alfabetização e raciocínio lógico	Instruções claras e simplificadas

Note. Elaborado pelas autoras, 2024.

De modo geral, os resultados evidenciam que a atuação docente no AEE demanda formação especializada, planejamento individualizado, práticas baseadas em evidências e suporte institucional, sendo fundamentais políticas públicas que garantam infraestrutura, formação continuada e integração entre setores para a efetivação da educação inclusiva.

Análise da entrevista e da observação com a professora do AEE e o aluno com TEA

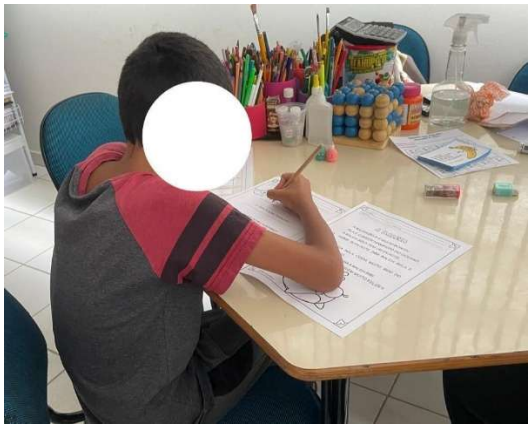
Na sequência da etapa de coleta, realizou-se uma entrevista semiestruturada com a professora do AEE responsável pelo acompanhamento do estudante com TEA. A entrevista teve como finalidade aprofundar a compreensão sobre o desenvolvimento acadêmico, social, comunicativo e comportamental do aluno, bem como identificar estratégias pedagógicas adotadas, recursos empregados, desafios enfrentados e formas de articulação com a família e com a equipe escolar. O roteiro foi composto por 19 questões, organizadas em eixos temáticos que abarcaram as características do estudante, as práticas pedagógicas, as habilidades acadêmicas, a participação social e o planejamento educacional individualizado.

Os resultados indicam que o aluno frequenta o AEE há aproximadamente um ano, com atendimento individualizado em duas sessões semanais de 45 minutos. No início do acompanhamento, encontrava-se na fase silábica da alfabetização, sem habilidades consolidadas de leitura e escrita. A professora relatou que o processo de alfabetização ocorreu de forma gradual, considerando o ritmo de aprendizagem e aspectos emocionais do aluno, o que reforça a importância do diagnóstico pedagógico inicial para o planejamento das intervenções (Pedrosa et al., 2018).

As estratégias pedagógicas utilizadas incluíam o método fônico, leitura compartilhada, jogos educativos e atividades contextualizadas, visando ao desenvolvimento da consciência fonológica e do letramento. Essas práticas dialogam com evidências que reconhecem o método fônico como uma abordagem especialmente consistente para a alfabetização de estudantes com TEA (Menezes, 2021). Além disso, o uso de atividades lúdicas - como jogos educativos que envolvem letras, sílabas, palavras e frases, e textos e histórias - foi destacado como estratégia para promover engajamento e motivação, corroborando a literatura que enfatiza a ludicidade como elemento facilitador da aprendizagem (Lima, 2025), conforme demonstra a figura abaixo.

Figura 1

Atividade de leitura de texto e perguntas



Note. Arquivo pessoal das autoras, 2025.

No que se refere ao contexto externo ao AEE, a professora relatou participação limitada da família, associada às restrições socioeconômicas e à ausência de acompanhamento multiprofissional, considerada um dos principais fatores que dificultam o apoio familiar ao processo de desenvolvimento e aprendizagem do estudante. Também foi apontada a fragilidade na articulação com a professora da sala regular, evidenciando desafios na implementação de práticas colaborativas, conforme preconizado pelas Diretrizes Operacionais do AEE (Brasil, 2009).

Em relação às competências sociais e comunicativas, o aluno demonstrou boa capacidade de expressão verbal, compreensão de instruções e participação em atividades grupais, ainda que com necessidade de mediação docente. No âmbito acadêmico, observou-se reconhecimento de letras e sons, leitura e escrita de palavras e frases simples, além de comportamentos de fuga e preferência por atividades lúdicas, indicando a importância de adaptações pedagógicas contínuas (Leucas, 2024).

O aluno possui um Plano Educacional Individualizado (PEI), elaborado com objetivos específicos e estratégias adaptadas às suas necessidades. A professora também relatou o uso de estratégias flexíveis, incluindo planos alternativos para situações imprevistas, e a incorporação dos interesses do aluno (música e dobradura) no processo de alfabetização, o que favorece o engajamento e a aprendizagem significativa (Cavalcante & Rodrigues, 2022).

Complementarmente, foi realizada observação direta em duas sessões de 45 minutos, nas quais o aluno demonstrou reconhecimento de letras, formação de sílabas e palavras, leitura assistida e compreensão textual, com uso de recursos visuais e materiais concretos. Observou-se ainda desempenho satisfatório em

habilidades lógico-matemáticas, com reconhecimento numérico e resolução de operações simples, corroborando a relevância de estratégias concretas e mediadas para a construção do conhecimento (Passos, 2006).

De modo geral, os resultados evidenciam a relevância do atendimento individualizado, do uso de estratégias pedagógicas baseadas em evidências e da articulação entre escola, família e profissionais especializados para o desenvolvimento acadêmico e social de estudantes com TEA.

Reflexões finais

O presente estudo teve como objetivo compreender o processo de alfabetização e letramento de uma criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no contexto do Atendimento Educacional Especializado (AEE), analisando suas especificidades, os desafios enfrentados, o papel do professor e a importância desse serviço para a promoção de uma educação inclusiva. A partir da análise teórica e dos dados empíricos obtidos por meio do estudo de caso, foi possível alcançar resultados significativos que contribuem para a reflexão sobre práticas pedagógicas inclusivas e baseadas nas necessidades reais dos estudantes com TEA.

Os resultados evidenciam que a alfabetização e o letramento de alunos com autismo não seguem um percurso linear ou padronizado, exigindo planejamento individualizado, flexibilidade pedagógica e intervenções fundamentadas em evidências científicas. Observou-se que o uso de estratégias multissensoriais, do método fônico, de recursos visuais, de atividades lúdicas e do reforço positivo favoreceu o reconhecimento de letras, sons e palavras, além de promover maior engajamento e participação do aluno nas atividades propostas. Tais achados confirmam a importância de práticas que respeitem o ritmo, os interesses e as características sensoriais e cognitivas do estudante com TEA.

O papel do professor, especialmente do docente do AEE, mostrou-se central em todo o processo de ensino-aprendizagem. Sua atuação vai além da aplicação de métodos, envolvendo mediação constante, observação atenta, adaptação de materiais e construção de vínculos afetivos que favorecem a aprendizagem. A formação inicial e continuada, aliada à experiência profissional, revelou-se essencial para o desenvolvimento de práticas pedagógicas coerentes com os princípios da educação inclusiva, conforme preconizam as legislações e diretrizes educacionais vigentes.

Entretanto, o estudo também evidenciou desafios importantes, como a dificuldade de generalização da aprendizagem, a limitação de recursos materiais e tecnológicos, a fragilidade na articulação entre o AEE, a sala de aula regular e a

família, bem como a ausência de acompanhamento multiprofissional contínuo. Esses fatores impactam diretamente o desenvolvimento integral do aluno e reforçam a necessidade de políticas públicas que garantam suporte institucional, infraestrutura adequada e trabalho colaborativo entre os diferentes atores envolvidos no processo educativo.

Dessa forma, conclui-se que o Atendimento Educacional Especializado desempenha um papel fundamental no processo de alfabetização e letramento de crianças com esse tipo de transtorno, desde que esteja articulado com a escola regular, a família e outros profissionais da rede de apoio. A efetivação de um ensino verdadeiramente inclusivo exige a integração entre teoria e prática, investimento na formação docente e adaptação constante das práticas pedagógicas, assegurando o direito à aprendizagem, à participação social e ao desenvolvimento pleno de todos os estudantes. Assim, este estudo contribui para a ampliação das discussões sobre alfabetização e letramento na educação especial, apontando caminhos para práticas educativas mais sensíveis, equitativas e inclusivas.

Referências

Brasil. (2009). *Resolução nº 4, de 2 de outubro de 2009: Institui diretrizes operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial*. Diário Oficial da União.

Brasil. (2015). *Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015: Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)*. Presidência da República.

Brasil. (2025). *Decreto nº 12.686, de 20 de outubro de 2025: Institui a Política Nacional de Educação Especial Inclusiva e a Rede Nacional de Educação Especial Inclusiva*. Secretaria Especial para Assuntos Jurídicos.

Cavalcante, L., & Rodrigues, P. (2022). *Plano educacional individualizado: Prática pedagógica e inclusão escolar*. Cortez.

Cunha, E. (2019). Autismo e inclusão: Psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família. *Wak.*

Filho, M. A. A. (2024). Inteligência artificial e atendimento educacional especializado: Estratégias para a personalização eficaz do ensino. In *Anais do X CONEDU*. Realize Editora. https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/108986.

Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa* (4th ed.). Atlas. https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C1_como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf

Guerra, E. L. A. (2014). *Manual de pesquisa qualitativa*. Ânima Educação. https://docente.ifsc.edu.br/luciane.oliveira/MaterialDidatico/P%C3%B3s%20Gest%C3%A3o%20Escolar/Legisla%C3%A7%C3%A3o%20e%20Pol%C3%ADticas%20P%C3%BAblicas/Manual%20de%20Pesquisa%20Qualitativa.pdf

Leucas, A. (2024). Adaptação pedagógica para alunos com Transtorno do Espectro Autista: Práticas inclusivas. *SciELO Preprints*. https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/download/8972/16783/17382

Lima, F. (2025). Práticas lúdicas e aprendizagem de crianças com Transtorno do Espectro Autista. *Revista Delos*. https://ojs.revistadelos.com/ojs/index.php/delos/article/view/5145

Menezes, T. B. A. (2021). *O processo de alfabetização e letramento de crianças autistas: Um estudo do tipo "estado do conhecimento"* [Trabalho de Conclusão de Curso]. Universidade Federal de Ouro Preto.

Oliveira, N. A., & Silva, C. A. (2023). A importância dos reforçadores sensoriais do método ABA para alunos com TEA. *Revista Científica Excellence, 21*(1), 34–39. https://excellenceeduc.com/revista_cientifica_excellence_V_21_julho_2023_artigo_05.pdf

Passos, C. L. B. (2006). Materiais manipuláveis como recurso didático na formação de professores. In S. Lorenzato, *O laboratório de ensino de matemática na formação de professores* (pp. 77–92). Autores Associados.

Pedrosa, D. O., Santiago, D. M. G., Monique, L., … Sedícias, É. (2018). Transtorno do espectro autista (TEA) e a inclusão escolar. *Revista Científica Semana Acadêmica*. https://semanaacademica.org.br/artigo/transtorno-do-espectro-autista-tea-e-inclusao-escolar

Soares, M. (2016). Alfabetização: O método em questão. In M. Soares, (Eds.) *Alfabetização: A questão dos métodos* (pp. 16–53). Contexto.

Soares, M. (2020). *Alfaletrar: Toda criança pode aprender a ler e a escrever*. Contexto.

Uzêda, S. Q. (2019). *Alfabetização e letramento (Educação inclusiva)*. Universidade Federal da Bahia. https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/30882/1/eBook%20-%20Educacao%20Inclusiva.pdf